

Narrando o trauma: um estudo sobre os sentidos de vítima no *true crime*¹

Gabrielle Sevidanes²

Wedencley Alves³

Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Resumo

Com cada vez mais alcance e presente em diferentes plataformas midiáticas, os *true crimes* são produções midiáticas que buscam relatar atos criminosos supostamente verídicos. Um dos objetivos do *true crime* é a construção de narrativas de trauma como experiência coletiva. A partir do campo da Comunicação, com recurso à Análise de Discurso, este artigo traz um ensaio sobre a figura da vítima e a narrativa do trauma nessas produções. Os resultados demonstram que as narrativas de trauma no *true crime* fazem parte de uma memória discursiva que enfatiza certos aspectos da figura da vítima em detrimento de outros e que podem gerar, por exemplo, empatia, desejo por justiça ou culpabilização da vítima.

Palavra-chave: Comunicação; discurso; *True Crime*; trauma; vítima.

Introdução

Os *true crimes* são produções midiáticas que buscam relatar um ato criminoso supostamente verídico, e, frequentemente, também mostram os passos que levaram ao crime e quais foram as consequências desses atos, sobretudo em termos jurídicos e sociais. De acordo com Jáuregui e Viana (2022), é possível observar um grande crescimento de produções sonoras e audiovisuais desse estilo, inclusive nas mídias sociais, tornando-se uma febre o consumo desses conteúdos, que misturam os mundos do jornalismo e do entretenimento. Na era digital, o *true crime* encontra um terreno fértil de reprodução por meio das plataformas de *streaming*, que moldam novos padrões de consumo (Wattis, 2024). Além disso,

Ao lado do apelo do factual, que deve ser sempre sustentado, em diferentes graus, por paratextos ou mesmo inserções de elementos documentais (áudios, fotografias, imagens dos acontecimentos), desenvolve-se, nas séries sobre crimes reais, uma narrativa a que o espectador assiste como se estivesse acompanhando uma ficção. Mas,

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Ficção Televisiva Seriada, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), bolsista CAPES e integrante do Grupo Sensus – Comunicação e Discursos. E-mail: gabrielle.sevidanes@estudante.ufjf.br.

³ Doutor em Linguística (Unicamp), professor e pesquisador de Comunicação na UFJF e coordenador do Grupo Sensus – Comunicação e Discursos. E-mail: wedencley.alves@ufjf.br.

ao mesmo tempo, aquele mundo não é completamente colocado em parênteses. A história ali narrada fala de algo que aconteceu em nosso mundo empírico e oferece tanto contextos interpretativos como experiências de pessoas reais (Serelle, 2024, p. 11).

Dessa forma, o *true crime*, como o nome implica, reivindica um status de veracidade. No entanto, evidentemente, nenhuma história contada é totalmente verdadeira, pois “toda narrativa está em algum lugar no continuum entre fato e ficção” (Punnet, 2018, p. 131, tradução nossa). Essa observação destaca a natureza ambígua dessa forma discursiva, que opera na interseção entre autenticidade e dramatização.

De acordo com Murley (2008), a presença do *true crime* no cotidiano trouxe para a cultura popular a figura do assassino em série – os *serial killers*. Nesse aspecto, Wattis (2022) acrescenta que há uma forte relação entre a mídia e a construção da identidade desses sujeitos, assim como de suas vítimas. Esse é um debate que cresce em importância à medida em que mais e mais conteúdos de *true crime* são produzidos, envolvendo questões acerca da regulamentação jurídica dessas produções, além de embates comunicacionais, éticos e epistemológicos.

As narrativas de *true crime* frequentemente se constroem a partir de testemunhos traumáticos (Castellano-Ortolà, 2024). Se a experiência traumática, conforme Neves (2019) afirma, coloca limites à verbalização do sofrimento, o discurso midiático pode atuar tanto como um meio de dar visibilidade a essas vivências quanto como um dispositivo que impõe quadros de inteligibilidade específicos sobre a vítima, o agressor e o próprio crime. Isso levanta questões éticas sobre a forma como a violência é narrada, consumida e compreendida no contexto midiático contemporâneo.

Para ilustrar esse aspecto, podemos citar Mendonça (2001) que, em sua análise do *Linha Direta*, exibido pela TV Globo, identificou que a narrativa usada pelo programa cria uma impressão de transparência e objetividade, que contribui para uma memória discursiva sobre o crime. A memória discursiva, na argumentação de Orlandi (2007), envolve a forma como os discursos são construídos e perpetuados ao longo do tempo, refletindo as representações sociais e culturais de determinado evento ou tema. Sendo assim, há aqui a proposta de compreender de que forma os *true crimes* contribuem à memória discursiva sobre a figura da vítima, considerando as discussões sobre o trauma na contemporaneidade.

A construção da vítima: uma reflexão sobre o trauma na sociedade contemporânea

A construção da figura da vítima como uma identidade social na contemporaneidade evidencia um deslocamento discursivo no qual o sofrimento individual é transformado em fenômeno coletivo, vinculado frequentemente a demandas por justiça e direitos civis. No entanto, esse processo não ocorre de maneira consensual. Se, por um lado, a legitimação da vítima contribui para sua visibilidade e reconhecimento, por outro, há uma tendência de assimilação desse sofrimento dentro de uma lógica humanitária despolitizada, onde a vulnerabilidade humana se sobressai às condições históricas e estruturais que produziram a violência (Pinheiro; Alves, 2018).

A pesquisa de Sacramento (2016) demonstra como essa lógica se manifesta na linguagem midiática, especialmente em programas televisivos que popularizam um discurso terapêutico centrado na individualização do trauma. Nesse modelo narrativo, a vítima é reconhecida como tal e incentivada a demonstrar capacidade de superação, tornando o testemunho um rito de passagem no qual o sofrimento deve ser ressignificado como crescimento pessoal. Esse fenômeno é amplificado em diversas narrativas midiáticas, como observam Lerner e Vaz (2017) ao analisar testemunhos de pacientes com câncer, nos quais a identidade da vítima se torna um lugar de legitimidade e inquestionabilidade, ao custo de uma normatização do sofrimento e da exigência de sua superação.

Fassin e Rechtman (2007) trazem o importante argumento de que houve, nas últimas décadas, uma reconfiguração no papel da vítima, que deixou de ser vista como portadora de um estigma e passou a representar uma figura central nas reivindicações por justiça. Ainda de acordo com esses autores, apesar de a violência ser uma constante histórica, as formas contemporâneas de lidar com o sofrimento por ela gerado são relativamente recentes. Assim, Fassin e Rechtman (2007) identificam o surgimento de um “império do trauma”, momento em que a noção de trauma passa a ocupar um papel central na compreensão de crises sociais e políticas. Nessa conjuntura, o trauma é frequentemente apresentado como uma experiência coletiva e homogênea, demandando reparação e reconhecimento (Weintraub; Vasconcellos, 2013).

Em consonância com esses autores, Rose (1990) aponta para o que chama de “imperativo terapêutico” para explicar uma necessidade social que tem crescido, na busca por cura e autorreflexão. Esse fenômeno é evidente em produções confessionais e

autobiográficas, como os documentários de *true crime* que incluem entrevistas com vítimas. Nesse contexto, Biressi (2004) explica que o trauma se tornou um conceito central na cultura contemporânea, sobretudo em formatos narrativos como o *true crime*. A autora acrescenta que o sofrimento psicológico deixa de ser visto como um campo da clínica e passa a circular na mídia como espetáculo de massa, onde o público pode consumir histórias de dor e superação, além de poder interpretá-las sob uma lógica terapêutica.

Assim, a lógica terapêutica não apenas orienta a maneira como as pessoas lidam com seus próprios traumas, mas também estrutura os discursos midiáticos, convertendo o sofrimento em narrativas de aprendizado, superação ou advertência dentro de um mercado que se alimenta da exposição da dor humana (Biressi, 2004, tradução nossa).

De acordo com Castellano-Ortolà (2024), um dos objetivos do *true crime* é a construção de narrativas de trauma como experiência coletiva, mediada pelos meios de comunicação. Para a autora, o uso extensivo de testemunhos traumáticos é uma característica central do *true crime*, mas os efeitos discursivos dessas produções ultrapassam a materialidade do testemunho, uma vez que são mediados por recursos narrativos, estéticos e editoriais que transformam a dor individual em um fenômeno compartilhado pelo público.

Como será reforçado adiante, a noção de vítima carrega consigo uma gama de conflitos que influenciam a maneira como determinados indivíduos ou grupos são reconhecidos como merecedores de justiça, enquanto outros permanecem à margem da legitimidade social e política. Sarti (2011) levanta a questão de que é preciso compreender a posição da vítima dentro da lógica social que a constitui, identificando os agentes envolvidos e as estruturas e discursos que delineiam essas categorizações. Nesse contexto, o *true crime* pode cumprir o papel de legitimar o lugar da vítima, gerando no público o desejo por justiça através da punição dos agressores, ou, no sentido oposto, pode promover a culpabilização da vítima pela violência sofrida.

A figura da vítima no *true crime*: empatia, desejo por justiça e culpabilização

Estudos que investigam os sentidos de vítima no *true crime* têm demonstrado que, muitas vezes, as narrativas dos casos são moldadas por construções discursivas que enfatizam certos aspectos do comportamento e da identidade da vítima em detrimento de outros. A análise de Slakoff (2023) sobre podcasts que narram crimes contra parceiros íntimos revelou uma tendência na culpabilização da vítima por meio da ênfase em sua vida sexual, na escolha de permanecer em um relacionamento abusivo ou na “ingenuidade” por não reconhecer sinais de violência iminente – as chamadas *red flags*.

De maneira semelhante, Wattis (2018) identificou que mulheres em situação de prostituição que são vítimas de violência são especialmente vulneráveis a esse tipo de discurso, sendo frequentemente apresentadas como responsáveis por sua própria morte ou agressão. Essa construção reforça hierarquias morais dentro da própria noção de vítima, estabelecendo uma distinção implícita entre vítimas dignas e indignas de compaixão.

A partir disso, podemos refletir com Butler (2021) que essa diferenciação faz parte de um problema ético-político maior: a gestão da precariedade das vidas que não se encaixam nos padrões normativos de reconhecimento social. Para a autora, a forma como determinadas mortes são tratadas – ou silenciadas – revela os mecanismos discursivos que estabelecem quais existências são passíveis de cuidado, proteção e justiça, e quais são descartadas como excedentes.

O silenciamento, por si só, pode ser uma técnica de violência, na medida em que representa uma prática discursiva atrelada ao exercício de poder e à seleção das vozes consideradas legítimas para se expressarem (Orlandi, 2007). Nas palavras de Azzariti (2014), “o poder da violência não se exprime e não se revela apenas e unicamente pela violência física. O fazer calar atua fortemente nas relações de dominação” (p. 09). Esse “fazer calar” diz respeito aos processos de silenciamento, que a autora considera como torturantes e agressivos.

No caso dos *true crimes*, há um intrincado debate entre a necessidade de dar voz às vítimas e a transformação da dor em entretenimento. Para ilustrar essa discussão, podemos citar algumas produções da Netflix. Essa plataforma de *streaming* possui em seu catálogo uma extensa lista de *true crimes*, entre documentários e séries semificticiais que tentam reproduzir acontecimentos reais. Dentre elas, pode-se destacar “Dahmer: Um canibal americano” (2022) e “Todo dia a mesma noite” (2023), por se tratar de séries que receberam extensas críticas por parte do público. Em ambos os casos, trata-se de

dramatizações serializadas que buscam representar, com nível questionável de veracidade, acontecimentos da vida real.

No caso de “Dahmer” (2022), criada por Ryan Murphy e Ian Brennan, a série mostra a história de um assassino em série, sob o ponto de vista das vítimas. Porém, apesar do sucesso em termos de audiência, a série recebeu críticas dos próprios familiares das vítimas, afirmando não terem sido consultadas a respeito da produção e classificando como cruel a reprodução de mais um conteúdo midiático sobre os crimes de Dahmer⁴.

Já a série “Todo dia a mesma noite” (2023) conta uma das grandes tragédias que assolou o país nos últimos anos: o incêndio que ocorreu na boate Kiss, em Santa Maria (RS), em janeiro de 2013, levando 242 pessoas a óbito. No caso em questão, algumas famílias foram acionadas pela Netflix, que solicitou permissão para realização das filmagens, enquanto outras não foram contatadas. Dessa forma, alguns familiares saíram em defesa da série, argumentando que a visibilidade seria positiva na luta por justiça e por memória. As famílias retratadas na série são, portanto, aquelas que forneceram permissão à Netflix. Porém, um grupo de familiares, que não foi contatado pela plataforma, demonstrou insatisfação com a produção da série por considerarem que seu sofrimento estaria sendo usado para gerar lucro à empresa⁵.

Greer (2017) contribui para essa discussão ao apontar que a mídia tem uma clara seleção de quais vítimas merecem atenção. Crimes violentos e fatais tendem a receber maior cobertura, mas dentro desse universo há um padrão de escolha seletiva: certos perfis de vítimas – geralmente mulheres brancas, jovens e de classe média – são amplamente visibilizados, enquanto outras vítimas são silenciadas ou reduzidas a números estatísticos.

No *true crime*, essa lógica midiática influencia a forma como a violência é narrada e consumida, produzindo efeitos discursivos que reforçam estereótipos sobre vítimas e agressores. Ao destacar aspectos individuais da vítima e obscurecer o contexto social da violência, o *true crime* pode contribuir para a reprodução de noções moralizantes sobre vítimas “boas” e “más”.

⁴ Fonte: Revista Marie Claire, 13 out. 2022. “Mãe de vítima critica série sobre Dahmer: 'Não aconteceu daquele jeito'”. <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2022/10/mae-de-vitima-critica-serie-sobre-dahmer-nao-aconteceu-daquela-jeito.html>

⁵ Fonte: Folha de São Paulo, 4 de fev. de 2023. “Boate Kiss: 'Famílias não querem exploração comercial da tragédia', diz advogada sobre série da Netflix”. <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/02/boate-kiss-familias-nao-querem-exploracao-comercial-da-tragedia-diz-advogada-sobre-serie-da-netflix.shtml>

Com relação a isso, a pesquisa de Parker (2024) apresenta um exemplo do impacto do *true crime* na percepção do público. Após a estreia do documentário “*American Murder: The Family Next Door*” na Netflix, a autora identificou uma mudança significativa em parte da opinião pública sobre a vítima. O documentário retrata o caso de Shanann Watts e suas duas filhas, assassinadas pelo marido de Shanann e pai das crianças. Em sua análise, Parker (2024) demonstrou que, antes do documentário ser divulgado, os comentários em fóruns online expressavam empatia pela vítima. No entanto, após o lançamento, surgiram comentários que culpabilizavam seu comportamento como esposa, atribuindo-lhe, em parte, a responsabilidade por sua própria morte.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração aos sentidos de vítima no *true crime* foi explorado por Gordan (2024). A autora destaca como mulheres brancas são frequentemente representadas dentro do arquétipo da “vítima ideal”, evocando sentimentos de pureza e inocência, enquanto mulheres e meninas racializadas enfrentam um processo de apagamento. Essa abordagem evidencia um viés estrutural que não se limita ao *true crime*, mas permeia diversas formas de mídia. O estudo de Gordan (2024) aponta que indivíduos negros, por exemplo, são desproporcionalmente apresentados como criminosos na cobertura jornalística, enquanto suas experiências como vítimas recebem menor atenção.

Conforme demonstrado, os sentidos de vítima no *true crime* são marcados por deslocamentos entre empatia, desejo por justiça e culpabilização. Torna-se evidente que essas narrativas podem, ao mesmo tempo, mobilizar comoção e gerar engajamento social, enquanto reforçam estereótipos e reproduzem dinâmicas de desigualdade. A forma como determinadas vítimas são retratadas – e outras são silenciadas – reflete construções culturais sobre quem merece compaixão e quem pode ser responsabilizado pela própria tragédia.

Considerações finais

Em vista dos aspectos mencionados, o impacto do *true crime* na concepção da figura da vítima revela um paradoxo: por um lado, essas narrativas conferem visibilidade a determinados casos, por outro, reforçam estereótipos sobre quem merece compaixão e justiça. A culpabilização de vítimas, como demonstrado nas pesquisas analisadas, reflete

um processo discursivo que desloca o foco da violência estrutural para o comportamento individual.

Este artigo demonstrou que as narrativas de trauma no *true crime* refletem as dinâmicas sociais e constituem uma memória discursiva que define quais vidas importam e quais são descartáveis. Para além da simples representação de um crime, essas produções podem revelar uma complexa rede de poder, onde vítimas são definidas de acordo com um padrão social que prioriza certas identidades e silencia outras.

Portanto, defendemos neste artigo a necessidade de compreender o *true crime* como um fenômeno discursivo relevante, que deve ser estudado para aprofundar a nossa compreensão sobre como a mídia se relaciona com questões sobre trauma, violência e vitimação. Ao analisar criticamente como essas produções constroem os sentidos de vítima, é possível evidenciar os mecanismos que perpetuam desigualdades e abrir espaço para narrativas mais inclusivas e justas. Destaca-se, por fim, a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre o tema, para suprir as limitações deste trabalho de base ensaística.

Referências

AZZARITI, Mônica. Silêncio, silenciamento e tortura: violência e sentidos (silence, silencing and torture: violence and senses). **PERcursos Linguísticos**, [S. l.], v. 5, n. 11, p. 120–132, 2015.

BIRESSI, Anita. Inside/out: private trauma and public knowledge in true crime documentary. **Screen**, v. 45, n. 4, p. 401–412, 2004.

BUTLER, Judith. **A força da não violência**: um vínculo ético-político. Boitempo Editorial, 2021.

CASTELLANO-ORTOLÀ, Elena. Crime Storytelling as a Gender-driven Narrative: A Feminist Overview of the True-Crime Documentary. In: Gregori-Signes, Carmen, Miguel Fuster-Márquez y Luisa Chierichetti, eds. **Language and Representation in Contemporary TV Series: Exploring Characterization, Diversity, and Gender**. Granada, Comares, col. Interlingua, 2024: 143-159 p.

FASSIN, Didier; RECHTMAN, Richard. **The Empire of Trauma**: An Inquiry into the Condition of Victimhood. Princeton University Press. Princeton, New Jersey. 2007.

GORDON, Shekinah. **Dehumanizing Murder Trauma in True Crime Podcasts: Investigating Representations of Black Women**. 2024. Dissertação de Mestrado. Middle Tennessee State University.

GREER, Chris. News media, victims and crime. In: DAVIES, Pamela; GREER, Chris; PETER, Francis. **Victims, crime and society**, p. 20-49, Sage Publications: 2017.

JÁUREGUI, Carlos; VIANA, Luana. A análise psicológica no True Crime: um estudo dos podcasts Modus Operandie Assassinos em Série. **Insólita**, v. 2, n. 4, 2022.

LERNER, Katia; VAZ, Paulo. “Minha história de superação”: sofrimento, testemunho e práticas terapêuticas em narrativas de câncer. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 21, n. 60, p. 153–163, jan. 2017.

MENDONÇA, Kléber. **Discurso e Mídia**: de tramas, imagens e sentidos. Um estudo do Linha Direta. 2001. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: UFF.

MURLEY, Jean. **The rise of true crime: 20th-century murder and American popular culture**. Bloomsbury Publishing USA, 2008.

SACRAMENTO, Igor. O espetáculo do trauma: narrativas testemunhais de celebridades sobre o bullying num programa de TV. **Contracampo**. Niterói (RJ), v. 35, n. 2 ago/2016-nov/2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PARKER, Kimberley Ann Louise. **Shaping public perception and opening the door to victim blaming: a textual and visual analysis of Netflix’s ‘American murder: the family next door’**. 2024. Tese de Doutorado.

PINHEIRO, Marta; ALVES, Wedencley. Apresentação do dossiê. **Lumina**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 1–4, 2018.

PUNNETT, Ian Case. **Toward a theory of true crime narratives**: a textual analysis. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2018.

ROSE, Nikolas. **Governing the Soul**: the shaping of the private self. Londres: Routledge, 1990, p. 214.

SARTI, Cynthia. A vítima como figura contemporânea. **Caderno CRH**, v. 24, n. 61, p. 51–61, jan. 2011.

SERELLE, Marcio. O mundo (quase) entre parênteses: a dramatização do fato em narrativas seriadas. In: Anais do 33º Encontro Anual da Compós, 2024, Niterói. **Anais eletrônicos...**, Galoá, 2024. Disponível em: <<https://proceedings.science/compos/compos-2024/trabalhos/o-mundo-quase-entre-parenteses-a-dramatizacao-do-fato-em-narrativas-seriadas?lang=pt-br>> Acesso em: 10 fev. 2025.

SLAKOFF, Danielle. “She did see warning signs but chose to ignore them”: perpetrator justification and victim-blaming narratives in true crime podcasts about intimate partner violence. **Feminist Media Studies**. 06 fev 2023.

WATTIS, Louise. Remembering and Representing Victims in Research. In: **Revisiting the Yorkshire Ripper Murders**. Palgrave Studies in Victims and Victimology. Palgrave Macmillan, Cham. 2018.

WATTIS, Louise. Gender, True Crime and the Violent Subject. In: MELLINS, Maria; MOORE, Sarah (Ed.). **Critiquing violent crime in the media**. Springer Nature, 2022.

WATTIS, Louise. **Gender, True Crime and Criminology**: Offenders, Victims and Ethics. Emerald Publishing Limited: 2024.

WEINTRAUB, Ana Cecília Andrade de Moraes; VASCONCELLOS, Maria da Penha Costa. Contribuições do pensamento de Didier Fassin para uma análise crítica das políticas de saúde dirigidas a populações vulneráveis. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.3, jul-set, p.1041-1055. 2013.